

APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA INTERNA E EXTERNA: A REGIÃO SERRANA DO RIO DE JANEIRO

Ingrid Oliveira (UFRJ)
oliver.ingrid@hotmail.com
Mayra Santana (UFRJ)
mstn18@yahoo.com.br
Carolina Ribeiro Serra (UFRJ)
carolserraufRJ@gmail.com

1. Introdução

A variabilidade de realização do rótico, sobejamente demonstrada em pesquisas sobre o português brasileiro, é saliente -- seja em posição de ataque, seja em posição de coda silábica -- e se torna ainda mais flagrante quando se confrontam áreas dialetais distintas (Callou, Leite & Moraes, 1996; Hora & Monareto, 2003; Serra & Callou, 2013, entre outros).

No presente trabalho propõe-se analisar o processo de cancelamento do *R* no Português brasileiro, em coda silábica medial e final, a partir de amostras de fala do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), provenientes das cidades do Rio de Janeiro, de Petrópolis e de Nova Friburgo, pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro.

O objetivo deste estudo é realizar uma comparação do comportamento linguístico de falantes da capital e de dois municípios da região serrana do Rio de Janeiro, além de verificar como o processo de apagamento do rótico atua em indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade (alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do Ensino Fundamental), diferentemente do que já foi feito, nas décadas de 70 e 90, pelo Projeto NURC -- que trabalha somente com entrevistas de indivíduos cultos, com nível superior completo.

1.1 *Corpus* e aparato teórico-metodológico

Este trabalho amparou-se no arcabouço teórico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994), buscando testar variáveis linguísticas e extralinguísticas anteriormente apontadas como relevantes para o processo de apagamento variável do *R*. Aliada à abordagem sociolinguística serão utilizados neste trabalho os princípios da teoria da hierarquia prosódica (Selkirk, 1984; Nespór & Vogel, 1986/2007), segundo a qual a fala é organizada hierarquicamente em constituintes prosódicos, no domínio dos quais atuam tanto regras segmentais quanto prosódicas. A abordagem mista -- sociolinguística e prosódica -- na análise do processo de cancelamento do *R* tem sido aplicada em trabalhos mais recentes sobre o fenômeno segmental, como os de Callou & Serra (2012), Serra & Callou (2013), Xavier (2014) e Farias & Oliveira (2014).

O *corpus* do projeto ALiB é composto por uma vasta gama de questionários e por discursos semidirigidos, que correspondem a trechos de fala espontânea, provocada a partir de tópicos sugeridos pelo entrevistador. Para este trabalho, foram utilizados doze trechos de fala espontânea retirados dos discursos semidirigidos e de outras partes da gravação em que houve conversa entre o entrevistado e o entrevistador. São quatro do Rio de Janeiro (capital), quatro de Petrópolis e quatro de Nova Friburgo -- que constituem, então, amostras de fala popular, de indivíduos com grau baixo de escolaridade.

Os quatro informantes de cada município se caracterizam pelo seguinte perfil: mulher da faixa etária 1 (18-30 anos), homem da faixa etária 1, mulher da faixa etária 3 (50-

65 anos) e homem da faixa etária 3. Os dados são atuais, já que as gravações de fala foram realizadas durante estes primeiros anos do século XXI.

A localização geográfica das três cidades, dentro do Estado do Rio de Janeiro, pode ser vislumbrada no mapa distrital abaixo.



Figura 1. Mapa dos municípios do Rio de Janeiro
(Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br>)

Para a realização da análise variacionista foram escolhidas variáveis linguísticas e sociais, já apontadas como relevantes no processo de cancelamento do rótico: i) dimensão do vocábulo (medida em número de sílabas); ii) contexto subsequente (pausa, vogal ou consoante); iii) consoante subsequente (cada uma delas); iv) fronteira prosódica (de palavra prosódica, sintagma fonológico ou sintagma entoacional); v) gênero (masculino ou feminino) e vi) faixa etária (1- de 18 a 30 anos e 3- de 50 a 65 anos). Com relação à classe morfológica, decidiu-se separar os dados de verbos e não-verbos, pois os diversos estudos sobre o comportamento do rótico em posição coda silábica final comprovam que o processo de apagamento atua de forma diferente nas duas categorias morfológicas.

A variável fronteira prosódica também já vem sendo apontada como relevante para a análise do apagamento do *R* nas localidades onde esse processo ainda atua de forma variável (Callou & Serra, 2012; Serra & Callou, 2013). São consideradas na análise a fronteira prosódica de três constituintes prosódicos postulados pela teoria da hierarquia prosódica: a de palavra prosódica (Pw), a de sintagma fonológico (PhP) e a de sintagma entoacional (IP).

De acordo com Serra & Callou (2013), os constituintes prosódicos que compõem os enunciados das línguas “atuam como âmbito de variados processos fonológicos e são também importantes para a organização entoacional em muitas delas” (p. 587). Os algoritmos de formação dos constituintes Pw, PhP e IP são apresentados pelas autoras tal como se descreve abaixo:

Palavra prosódica (Pw) -- uma palavra prosódica tem um único acento primário e uma palavra prosódica máxima ($P\omega^{\max}$) tem um único elemento proeminente. Todo elemento com acento de palavra tem de estar incluído numa palavra prosódica (Vigário, 2003).

Sintagma fonológico (PhP/φ) – um sintagma fonológico deve ser formado por uma cabeça lexical (núcleos de sintagmas sintáticos cuja natureza é lexical e não funcional) + todos os elementos do lado esquerdo dentro da projeção máxima de Lex + XP *complemento* do seu lado direito, que contenha apenas uma P ω (Frota, 2000; Tenani, 2002). Dessa forma, atendendo às condições necessárias, um φ deve ser constituído por mais do que uma palavra prosódica, formando um único φ com um complemento não ramificado.

Sintagma entoacional (IP) -- um sintagma entoacional deve conter toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de φs em uma oração raiz (Nespor & Vogel, 1986/2007). A formação de IP está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único I com um I adjacente, o que leva à formação de sintagmas com tamanhos equilibrados (Frota, 2000; Serra, 2009). (2013:588)

A análise quantitativa/estatística é realizada com o auxílio do pacote de programas GoldVarb 2001.

1.2 Estudos e resultados anteriores sobre o apagamento do rótico

Diversos trabalhos já foram realizados, a fim de traçar as características dos diversos falares brasileiros, dentre os quais os que focalizam a diversidade de pronúncia dos róticos nos contextos em que o segmento pode ocorrer (Callou, 1983).

Callou, Leite & Moraes (1996), por exemplo, analisaram dados de fala espontânea coletados na década de 1970, restritos às cinco capitais contempladas pelo Projeto NURC (fala culta): Porto Alegre (POA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Recife (PE). Os autores aferiram, na ocasião, apenas 3% de queda do *R* em posição de coda silábica interna, na cidade do Rio de Janeiro, em contraste com o já alto índice de apagamento em posição externa na mesma cidade (47%). Ainda no que se refere à coda silábica final de vocábulo, o cancelamento do rótico esteve na ordem de 37%, em Porto Alegre – cidade que apresentou o percentual mais baixo do fenômeno; 49%, em São Paulo; 62 % em Salvador – cidade o maior índice de cancelamento, e 50%, em Recife. Os resultados relativos à fala do Rio de Janeiro são de particular interesse para o presente estudo, visto que servirão de ponto de comparação para o que será demonstrado, aqui, com base em dados de fala recentes.

Na década de 1990, o cenário já se encontrava diverso, como demonstram Callou & Serra (2013), em estudo sobre o apagamento do rótico, com base em dados também do Projeto NURC, oriundos das cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, e dispostos nas três faixas etárias em que se distribuem os falantes entrevistados: 1ª faixa etária: 25 a 35 anos; 2ª faixa etária: 36 a 55 anos, e 3ª faixa etária: a partir de 56 anos.

As autoras observam o crescente aumento de apagamento do rótico em coda silábica, relativamente à década de 70. Em SSA, na década de 90, o cancelamento do *R* já atinge, em verbos e não-verbos, o percentual de 99%, entre os jovens, indicando o final do processo de mudança fonológica no dialeto soteropolitano. No RJ, o apagamento também avança, apresentando, para verbos, os seguintes índices: 87%, 90% e 85%, para cada uma das respectivas faixas etárias, e 46%, 7% e 6%, para não-verbos, nas mesmas faixas de idade, o que demonstra que, para não-verbos, a idade do falante ainda é um fator fundamental para a

análise. Já em POA, o apagamento está restrito aos verbos, sendo sensível também à faixa etária do falante (91%, 62% e 80%, para as três faixas, respectivamente). Em não-verbos, o cancelamento é de apenas 1%.

Brandão, Mota & Cunha (2003), com base no *corpus* compartilhado do Projeto VARPORT, de fala culta e popular, chegaram ao percentual de 78% de cancelamento do *R* em coda externa, no Português do Brasil, em contraste com 26% de apagamento, no Português Europeu.

2. Resultados e discussões

No gráfico 1, abaixo, apresentamos os percentuais gerais de cancelamento do rótico, nas três regiões estudadas -- Rio de Janeiro, Petrópolis e Nova Friburgo, sem levar em consideração a distinção entre o gênero e a faixa etária do falante, mas levando em conta, para o contexto de coda silábica final, a classe morfológica dos vocábulos, se verbos ou não-verbos.

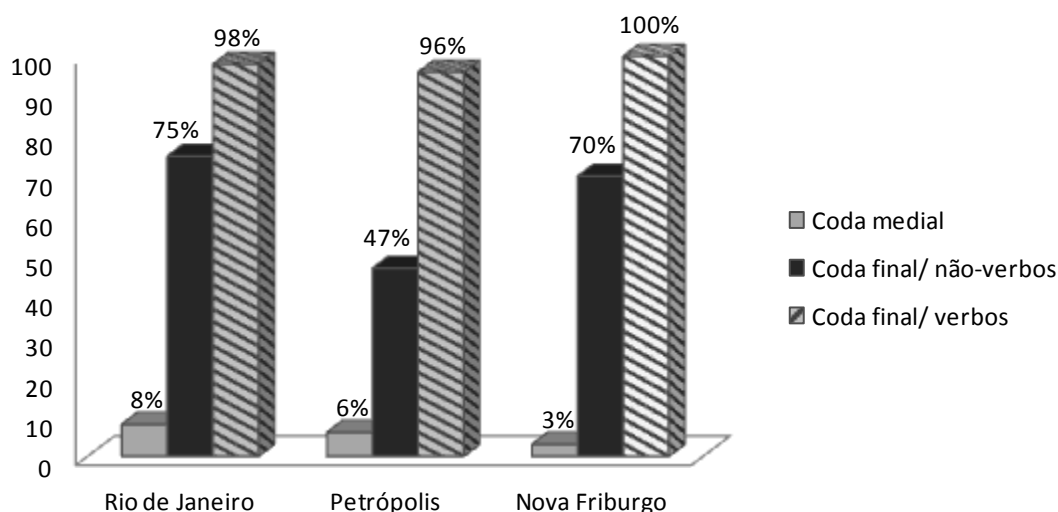


Gráfico 1. Distribuição geral de apagamento do *R* na fala popular do Rio de Janeiro, de Petrópolis e de Nova Friburgo.

Na análise dos primeiros resultados, verificou-se que o processo de cancelamento do *R*, nos três municípios, atua de forma semelhante, o que já era esperado por conta da proximidade entre as cidades.

O apagamento em coda silábica final continua avançando – sendo praticamente categórico nos verbos, enquanto os índices de apagamento em coda medial ainda são pouco expressivos. Isso indica, mais uma vez, a importância da verificação do tipo de fronteira prosódica em que se encontra o segmento, já que, na fronteira simples de sílaba (interna), o segmento é pouco atingido pelo processo, enquanto na fronteira de palavra (morfológica/prosódica), o cancelamento encontra seu *locus* ideal de atuação, sendo sensível ainda a outras informações prosódicas, como a localização do acento. O acento de palavra recai na sílaba final dos verbos no infinitivo e no subjuntivo, mesma sílaba em que se encontra o *R* em coda (*querer*; *quiser*). Também em não-verbos, por conta do peso silábico acarretado pela rima ramificada, a sílaba que recebe o acento de palavra é a que contém a coda silábica, como em *melhor*, *cantor*, *devagar*. Ainda está por ser respondida a questão sobre o tipo de informação morfológica acessada em processos como este de cancelamento do rótico em final de palavra.

De toda forma, a restrição em relação à classe morfológica vem perdendo força, nas regiões do Rio de Janeiro. A distribuição em coda final, em não-verbos, demonstra uma maior retenção do *R* na fala dos indivíduos petropolitanos (47%), enquanto os cariocas lideram o processo de cancelamento do rótico nesse contexto (75%), seguidos de perto pelos friburguenses (70%).

A seguir, serão discutidos separadamente os resultados relativos ao apagamento em coda silábica final para cada um dos municípios e, em seguida, serão apresentados em conjunto os resultados obtidos para o apagamento em coda medial, já que cada contexto apresentou suas peculiaridades.

2.1 O *R* em coda silábica final no município de Petrópolis

Das amostras de fala espontânea (Discursos Semidirigidos) do município de Petrópolis, foram coletadas 414 ocorrências de *R* em contexto de coda final, em verbos, e 63 ocorrências em coda final, em não-verbos. Petrópolis foi o município que apresentou o maior percentual de realização do segmento em não-verbos (54%); em verbos a retenção do segmento é de apenas 4%, índice baixíssimo, mas ainda superior aos 2% de realização da coda, na capital do Estado, e o percentual nulo do *R* em coda silábica entre os falantes de Nova Friburgo, em verbos. É importante, portanto, mencionar os fatores que foram apontados como relevantes para o processo de apagamento em ambos os casos. Para os verbos, em coda silábica final, três variáveis se mostram significativas, nesta ordem: (i) faixa etária; (ii) dimensão do vocábulo e (iii) contexto subsequente.

A variável faixa etária foi apontada como a mais relevante para atuação do processo nesse contexto final. Como pode ser constatado na tabela a, abaixo, na fala dos informantes pertencentes à faixa etária 1 (18-30 anos), não foi registrada ocorrência de realização do segmento, ou seja, o apagamento em coda final de verbos foi categórico. O pequeno percentual de realização do rótico encontrado em Petrópolis se refere apenas à fala dos informantes mais velhos da faixa 3 (50-65 anos).

Faixa etária	Percentual de Apagamento	Peso relativo
1	100%	.79
3	91%	.13

Tabela a. Distribuição de apagamento do *R* por faixa etária, em posição de coda final de verbos, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis.

Em relação à dimensão do vocábulo, vemos confirmada a hipótese, já postulada em trabalhos anteriores, de que quanto maior o número de sílabas maior a tendência à queda do segmento. O apagamento do *R* nos verbos de quatro sílabas ou mais foi categórico, havendo um maior índice de preservação do segmento justamente em formas verbais monossilábicas, como *ser*, *quer* e *ter* (89% em monossílabos, 99% em dissílabos e 95% em trissílabos). Isso ocorre devido à maior saliência fônica que o rótico apresenta em palavras de menor dimensão.

É importante mencionar a relevância do contexto subsequente para a aplicação deste processo, pois se evidenciou, a partir dos dados, que, diante de pausa ou de vogal, o cancelamento do *R* tende a ser menos favorecido (tabela b), apesar de também muito frequente.

Quando seguido de vogal, existe a possibilidade do *R*, em coda final, sofrer ressilabificação, passando à posição de ataque da sílaba seguinte (*ex: vai ter aula hoje?*). A presença da pausa se mostrou um fator que exerce influência no processo de apagamento, fato

que possui relação direta com o tipo de fronteira prosódica em que o elemento está inserido. Essa relação se deve ao fato da pausa ser a principal pista, tanto na produção quanto na percepção, da presença de um sintagma entoacional no Português do Brasil (Serra, 2009).

A fronteira de sintagma entoacional é, portanto, um contexto de resistência ao apagamento do rótico, visto que o contexto de pausa silenciosa (ou preenchida) que marca essa fronteira prosódica desfavorece a aplicação do processo segmental. A pausa já havia sido apontada como contexto desfavorecedor do apagamento do rótico em Votre (1978), para a fala adulta, e Gomes (2006), para a fala de crianças, só mais recentemente sendo relacionada a um condicionamento que diz respeito ao domínio prosódico do sintagma entoacional (Serra & Callou, 2013; Farias & Oliveira, 2014).

Contexto subsequente	Percentual de Apagamento	Peso relativo
Vogal	94%	.32
Pausa	94%	.33
Consoante	99%	.73

Tabela b. Distribuição de apagamento do R, de acordo com o contexto subsequente, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis.

Em relação aos não-verbos, em coda final, duas variáveis se mostraram relevantes para o cancelamento do R: a dimensão do vocábulo e o contexto subsequente. Assim como ocorreu no caso dos verbos, nos vocábulos monossilábicos encontrou-se o menor índice de apagamento (18%), enquanto em palavras de cinco e seis sílabas o apagamento do R foi categórico (gráfico 2). A pausa, mais uma vez, atuou como fator determinante para o processo de apagamento, sendo o contexto que mais favorece a preservação do segmento (gráfico 3).

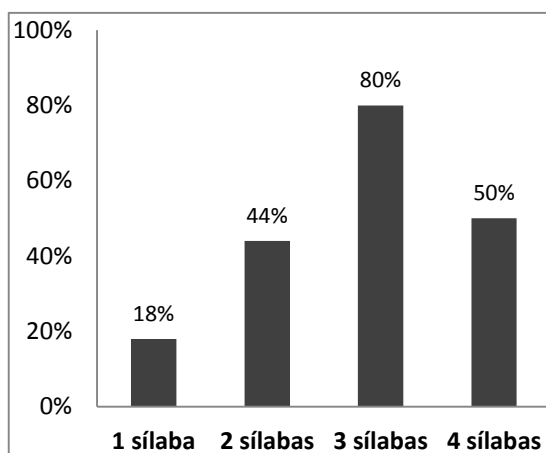


Gráfico 2. O apagamento do R em posição de coda final de não-verbos, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis, de acordo com a dimensão do vocábulo.

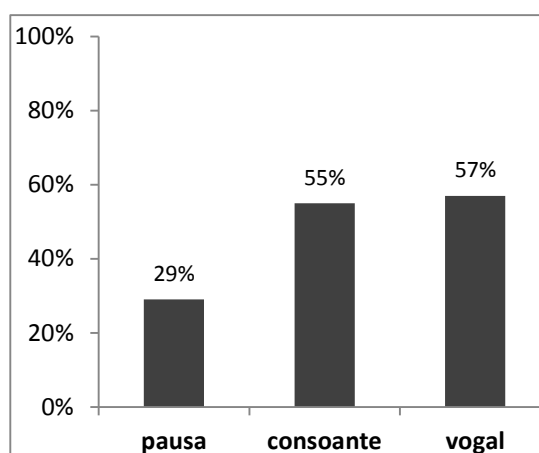


Gráfico 3. O apagamento do R em posição de coda final de não-verbos, na fala popular dos indivíduos de Petrópolis, de acordo com o contexto subsequente.

2.2 O R em coda final no Rio de Janeiro capital

Nos dados do Rio de Janeiro (capital), foram encontradas 442 ocorrências de *R* em posição de coda final, em verbos, e 75, em não-verbos. Como visto no gráfico 1, o índice de apagamento em coda final de verbos atingiu 98%; com isso, podemos dizer que a mudança neste contexto, neste município, está praticamente completa. Em relação aos 2% de realizações encontradas, é importante mencionar o fato de essas ocorrências estarem restritas ao contexto de pausa. O apagamento do *R* diante de uma consoante e de uma vogal ocorreu de forma categórica (tabela c).

Contexto	Percentual de apagamento
Pausa	89%
Vogal	100%
Consoante	100%

Tabela c. Distribuição do apagamento do *R*, de acordo com o contexto subsequente, na fala popular dos indivíduos do Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro foi a cidade em que houve o maior índice de apagamento em coda final de não-verbos (75%). A variável mais relevante para o processo de apagamento, nesse caso, foi a dimensão do vocábulo. O cancelamento do *R* só se mostrou variável nos vocábulos de uma e duas sílabas, ocorrendo o apagamento de forma categórica nos de três sílabas ou mais. Novamente nos monossílabos foi encontrado o índice de apagamento mais baixo (gráfico 4).

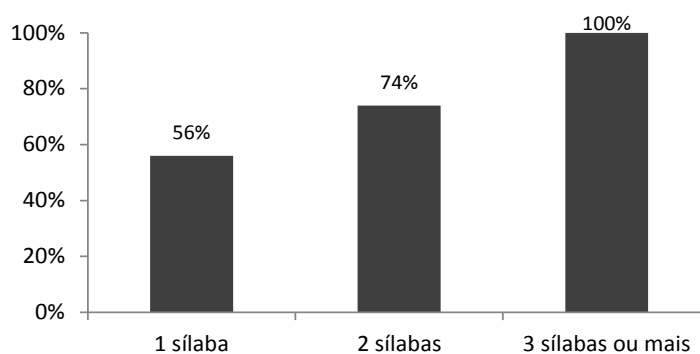


Gráfico 4. Distribuição do apagamento do *R*, de acordo com a dimensão do vocábulo, na fala popular dos indivíduos do Rio de Janeiro.

2.3 O R em coda final no município de Nova Friburgo

Os dados do *R* em coda silábica final, nos verbos, recolhidos em Nova Friburgo, apresentaram o maior índice de apagamento, comparado ao dos outros dois municípios analisados neste trabalho. Foram 963 ocorrências de verbos e 100% de apagamento. Por conta disso, nenhuma das variáveis apontadas como relevantes para o cancelamento do *R* atua mais no falar da região, a mudança tendo já se completado. De acordo com a análise dos dados, nem mesmo o contexto de pausa ou as palavras monossilábicas representam contextos de preservação do segmento na fala dos friburguenses entrevistados.

Em relação ao apagamento em não-verbos, também em coda externa, os dados de Nova Friburgo apresentaram um comportamento semelhante aos da capital Rio de Janeiro: ambas as cidades com percentuais mais elevados de cancelamento do que Petrópolis (70%, em Nova Friburgo; 75%, no Rio de Janeiro; e 47%, em Petrópolis). A distribuição do apagamento foi variável e apenas o fator dimensão do vocábulo se mostrou relevante na distribuição do processo, confirmando a hipótese de que em monossílabos existe uma tendência à preservação do *R* (gráfico 5).

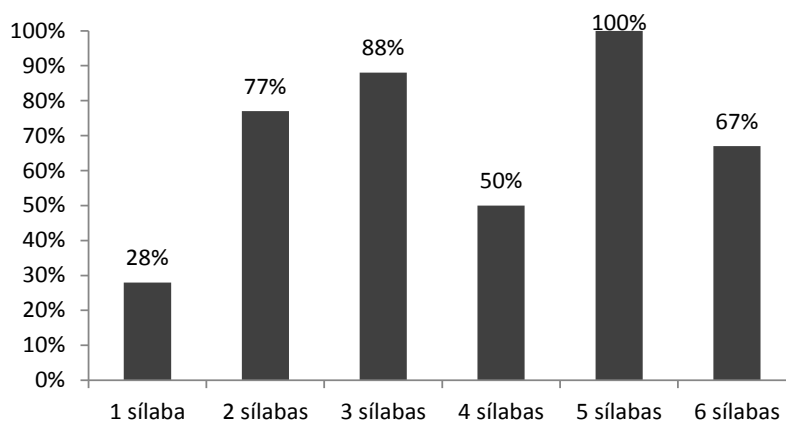


Gráfico 5. Distribuição do apagamento do *R*, de acordo com a dimensão do vocábulo, na fala popular dos indivíduos de Nova Friburgo.

2.4 O *R* em coda medial

Ao analisar os resultados relativos à coda silábica medial, verificamos que o apagamento no Rio de Janeiro ainda é um processo em fase inicial. Os índices de apagamento dos três municípios foram muito baixos (gráfico 6) se comparados, por exemplo, com o apagamento em coda final, posição em que o processo já está bastante avançado em todo o Estado do Rio de Janeiro. Lembremos, entretanto, que os resultados de Callou, Leite & Moraes (1996), para a década de 1970, apontavam um percentual de apagamento do rótico em coda interna de 3%, na fala culta carioca, o que pode contrastar com os 8%, na fala popular, mais ou menos 30 anos depois.

Em trabalhos anteriores formulou-se a hipótese, para o processo de apagamento em coda medial, de que quanto mais ao norte/nordeste do país, maior a tendência de apagamento do *R*, em função das variantes do rótico serem preferencialmente as de traço [- anterior] e, na coda final, o zero fonético. Os resultados apresentados aqui vão ao encontro dessa hipótese, visto que, no Rio de Janeiro foi encontrada uma frequência de apagamento menor do que em estados do Nordeste como Salvador e Paraíba, que já na década de 1990 registravam 11% e 19% de apagamento, respectivamente, para os falantes cultos (Farias & Oliveira, 2013).

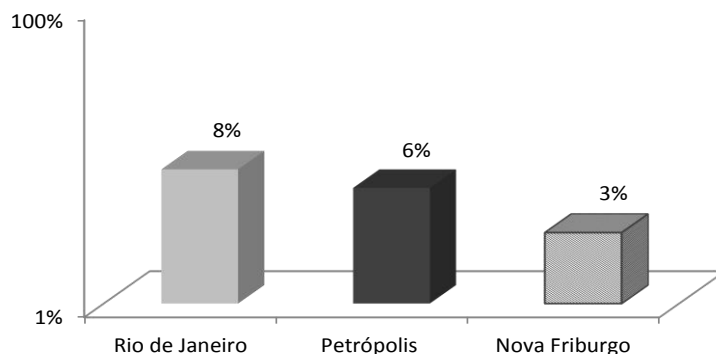


Gráfico 6. O apagamento do *R* em posição de coda medial, na fala popular dos indivíduos do Rio de Janeiro, Petrópolis e Nova Friburgo.

A única variável apontada como relevante para a distribuição do processo de apagamento do *R* em coda medial nos três municípios analisados foi o tipo de consoante subsequente. O apagamento ocorreu preferencialmente diante dos sons [k] e [s], no Rio de Janeiro e em Petrópolis, e [k] e [z], em Nova Friburgo (tabela d).

Consoante Subsequente	Apagamento no Rio de Janeiro	Apagamento em Petrópolis	Apagamento em Nova Friburgo
k	34%	23%	16%
s	22%	13%	0%
z	0%	0%	60%

Tabela d. Distribuição de apagamento do *R* em coda medial de acordo com a consoante subsequente.

Com relação aos sons apontados na tabela acima, é importante tecer algumas considerações:

1) O percentual de apagamento diante do fone [k] restringiu-se apenas ao vocábulo “porque”, item bastante recorrente no *corpus*. Em todos os demais vocábulos em que o *R* apareceu seguido de [k], o segmento foi realizado. O apagamento nesse caso parece estar relacionado ao item lexical específico e não exatamente à influência do som [k]. É importante frisar que o processo de apagamento no vocábulo “porque” não foi categórico.

2) Em relação ao fone [s], como já apontado em trabalhos anteriores, a presença de uma fricativa alveolar favorece o cancelamento, em consequência de uma possível assimilação $R+S \rightarrow S+S \rightarrow S$, processo fonológico muito produtivo na história do português.

3) No caso do fone [z], também uma fricativa alveolar, o apagamento se deu uma vez no vocábulo “catorze” e os demais vocábulos são formas com sufixo $-(z)inho$. O *R* não foi pronunciado diante do sufixo $-(z)inho$, em exemplos como *mulherzinha*, *colherzinha*.

3. Conclusão

Após analisar os dados coletados nos três municípios – Rio de Janeiro, Petrópolis e Nova Friburgo - e discutir os resultados encontrados, fica claro que o fenômeno de apagamento do *R* nas cidades da Região Serrana tem seguido a tendência do falar da capital, localidade já bastante estudada.

Em posição de coda final de verbos, categoria em que o processo se encontra mais avançado, o apagamento do *R* nas três localidades já é quase categórico, chegando aos 100% apenas em Nova Friburgo, e atingindo 96% e 98% dos contextos, em Petrópolis e Rio de Janeiro, respectivamente. Diante disso, conclui-se que a mudança neste contexto já está completa, pelo menos na variedade popular. Embora na categoria dos não-verbos ainda se encontre uma frequência menor de apagamento, se comparada à categoria dos verbos, nota-se que o processo já não se encontra em fase inicial, visto que apresentou altos índices de cancelamento (75%, no Rio de Janeiro; 70%, em Nova Friburgo; e 47%, em Petrópolis).

Dentre as variáveis propostas para a análise variacionista, duas devem ser consideradas como mais relevantes para o processo de apagamento do *R* em posição de coda final: a dimensão do vocábulo e o contexto subsequente. Em palavras monossilábicas ocorre uma maior tendência à preservação do segmento, principalmente nos não-verbos, visto que nos verbos os índices de apagamento já são bastante altos. A variável fronteira prosódica não foi selecionada como relevante para o processo de apagamento, entretanto o contexto subsequente de pausa foi apontado como um fator que favorece a manutenção do *R*, o que está relacionado diretamente à fronteira prosódica de sintagma entoacional.

A coda medial ainda é uma posição em que, ao menos no estado do Rio de Janeiro, os falantes tendem a preservar o rótico. De acordo com os resultados encontrados, o município que apresenta o maior percentual de apagamento do *R* é o Rio de Janeiro (8%), seguido de Petrópolis (6%); enquanto isso, Nova Friburgo aparece como o município em que os falantes mais realizam o segmento em coda medial. A atuação do processo se manifestou, na maior parte das vezes, em três diferentes contextos: i) no vocábulo “porque”, item bastante recorrente no *corpus*; ii) diante da consoante fricativa alveolar [s] e iii) em vocábulos em que o *R* estave em contato com o sufixo -(z)inho.

A variável faixa etária trouxe ao estudo um resultado interessante: em todos os municípios, em posição de coda final e medial e nas duas categorias – verbos e não-verbos – os falantes da faixa etária 1 apagaram o rótico com mais frequência do que os da faixa 3, ainda que a diferença não seja muito grande. Esses achados confirmam o fato de o processo de apagamento do *R* ser um processo de mudança em progresso no Português do Brasil.

Com nossos resultados, pretendemos contribuir para o mapeamento das variedades de fala correntes no Estado do Rio de Janeiro, focalizando duas cidades da Região Serrana – Petrópolis e Nova Friburgo – contrastadas entre si e com a capital Rio de Janeiro. O intuito principal é apurar continuamente a variação que ocorre no Português do Brasil, determinando a influência de variáveis linguísticas e/ou sociais que a condicionem.

4. Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Silvia; MOTA, Maria Antonia & CUNHA, Claudia 2003. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo.” In BRANDÃO & MOTA (orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro, In-Fólio.
- CALLOU, Dinah. & SERRA, Carolina. 2012. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, vol. 14, no Especial, 41-58.
- CALLOU, Dinah.; LEITE, Yonne. & MORAES, João. 1996. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In *Gramática do Português Falado* vol. VI, I. Koch, (ed.), 465-493. Campinas: UNICAMP.
- FARIAS, Aline & OLIVEIRA, Ingrid. 2013. Trabalho apresentado no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (II CIFALE). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. 2014. O apagamento do rótico no português brasileiro e no português europeu: o lido e o dito. In *Anais do IV colóquio brasileiro de prosódia da fala*.
- GOMES, Christina. A. 2006. Aquisição do tipo silábico CV(r) no português brasileiro. *Scripta: Belo Horizonte*. 9. N° 18, 11-28.
- HORA, Dermeval. & MONARETTO, Valeria. 2003. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: Hora, D. & G. Collischonn.(orgs.) *Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa, Editora Universitária: 114-143.
- LABOV, William. 1994. *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge, Blackwell.
- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. 2007. *Prosodic phonology*. Berlin: Mouton De Gruyter. Originalmente publicado em 1986 (Dordrecht: Foris).
- SELKIRK, Elisabeth. 1984. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: M.I.T. Press.
- SERRA, Carolina. & CALLOU, Dinah. 2013. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL*, pp. 585-594.
- SERRA, Carolina. 2009. *Tese de Doutorado. Realização e Percepção de Fronteiras Prosódicas no Português do Brasil: Fala Espontânea e Leitura – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil*.
- VOTRE, Sebastião. 1978. *Variação fonológica no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro/PUC*.
- XAVIER, Karilene. 2014. A(s) pronúncia(s) do R final em canções do início do século XX. (1902-1920). In *Anais do IV colóquio brasileiro de prosódia da fala*.